

VOCÊ ESTÁ AQUI: NO MEIO

*“Eu, eu estou aqui.
Logo, sou obrigado a acrescentar
ainda o seguinte. Eis-me aqui,
eu que estou aqui, que não posso falar,
não posso pensar e que devo falar
logo pensar talvez um pouco,
não posso fazê-lo somente em relação a mim
que estou aqui,
aqui onde estou,
mas penso um pouco,
suficientemente,
não sei como.”
Samuel Beckett
O inominável*

Um habitante do silêncio fala.

Fala de dentro, fala de fora...

Ele é um ato de fala, um mato de palavras selvagens em dialeto que salva.

Ele não tem nome. Ou tem mais de um. Ou tantos e já nem sabe mais qual é o seu. É ele quem nos diz que há espaços internos e externos, vazios e cheios, longe e perto, lá e aqui. Esta é a dualidade da vida dentro/fora de cada um de nós. Ele, que não tem nome, aponta uma grande vaga que se eleva em sua direção, por onde escorre seu pensamento. E acrescenta: *“não estou do lado de fora, estou dentro, dentro de alguma coisa, estou trancado, o silêncio está fora, fora, dentro só há aqui, e o silêncio fora, e essa voz”* (...). Mas antes nos

declara que o que escorre “*é uma imagem, são palavras, é um corpo, não sou eu, sabia que não seria eu*”.¹

Para escrever este texto, me propus reler “*O inominável*” de Samuel Beckett, colecionando todas as expressões que poderiam indicar o dentro e o fora de uma dada situação. Onde é o aqui? Aqui dentro? Aqui fora? Bem no meio? Com caneta marcador de texto laranja, sublinho passagens que dizem respeito ao lado externo. Já com a cor azul, identifico contextos internos.

O problema é encontrar uma maneira de trazer um pouco desta experiência, para o texto escrito. Opto por indicar a cor pela palavra escrita, ou seja: (azul) e (laranja) no final de cada passagem transcrita, seguida pelo número da página, convocando o leitor a imaginar uma espécie de guia de leitura rastreada pelo meu modo de marcar as páginas de um livro, antes de torná-lo matéria-prima para um futuro trabalho. Vejamos:

“Enfim, entre o centro e a circunferência há a margem, e posso muito bem estar situado em algum lugar entre os dois” (azul, p.34)

“Mas o mais simples na verdade é me considerar fixo e no centro deste lugar, quaisquer que sejam suas forma e extensão” (azul, p.34)

“Infelizmente tenho medo, como sempre, de ir mais longe. Pois ir mais longe, é ir-me embora daqui, encontrar-me, perder-me, desaparecer e recomeçar” (laranja, p.43)

“claridade” (laranja, p.47)

“escuridão” (azul, p.47)

“adoro pensar, embora não tenha certeza, que foi no baixo ventre de mamãe que terminei durante dias inteiros, a minha longa viagem” (azul, p.70)

“quando chego à costa, retorno para o interior” (azul,p.74)

“escutar atrás das portas, eu, desde que haja silêncio” (azul, p.106)

“escutar atrás das portas, eu, desde que haja silêncio” (laranja, p.106)

“eles me trancaram aqui, agora tentam me fazer sair, para me trancar em outro lugar, (azul, p.128) ou para me soltar, são capazes de me colocar para fora, só para ver o que eu faria” (laranja, p.128).

E lá pelas tantas, as coisas começam a ficar mais complexas. O texto vai se colorindo, o azul e o laranja se mesclando, o dentro e o fora cavando um

¹ BECKETT, Samuel. *O inominável*. SP, Globo, 2009, p. 179

buraco meio marrom de onde o leitor só poderá escapar equipado com uma escuta-alavanca, fincada na borda das palavras escritas, conquistando o eco do ruído e do silêncio:

“terei ouvido isso fora de mim, depois imediatamente em mim, talvez seja isso que sinto, que há um fora e um dentro e eu no meio, talvez seja isso que sou, a coisa que divide o mundo em dois, de uma parte o fora, da outra o dentro, isso pode ser fino como uma lâmina, não estou nem de um lado nem de outro, estou no meio, sou a divisória, tenho duas faces e nenhuma espessura, talvez seja isso que eu sinto, me sinto vibrar, sou o tímpano, de um lado é o crânio, do outro o mundo”²

Pronto, interrompo a experiência. Levanto os olhos para respirar um pouco. Daqui onde estou, posso olhar uma grande parede vazia, e neste espaço amplo, vejo um prego. Um único prego enfiado até a metade na parede branca. E agora? O prego está dentro ou está fora? Meio a meio. Mas o prego está aqui. Não, retifico: o prego é aqui. Não quero dizer com isso que aqui é o prego, este seria um grande erro de interpretação. O prego tem nome. O prego tem uma inscrição. O prego é uma palavra que cava, como uma pá que lava um buraco. O prego está imobilizado no furo da parede, enquanto a sua sombra é ponteiro movente, relógio-de-sol contínuo, até que a luz do dia caia. Neste momento, nos fixamos na margem de uma noite escura. A luminosidade incandescente da lâmpada só viria atrapalhar a imagem, o corpo, a palavra *eu* que não sou eu. Este prego é um elemento do trabalho da artista Leticia Bertagna intitulado *AQUI*.³

(imagem do prego em escala 1:1)

No início de seu romance, Samuel Beckett evoca três indagações fundamentais para o decorrer de seu monólogo: *“Onde agora? Quando agora? Quem agora?”* Estas mesmas questões já foram transpostas para o contexto do pensamento crítico da arte, quando já não nos satisfazíamos somente com a pergunta “o que é arte?”. Então, vale o mesmo: *“Onde a arte? Quando a arte? Quem é o artista?”* Vamos ver como discorre a personagem-voz de Beckett sobre estes deslocamentos: *“Chamar isso de perguntas, hipóteses. Ir adiante, chamar isso de ir, chamar isso de adiante. Pode ser que um dia, um primeiro passo, vai, eu tenha ficado simplesmente ali, onde, em vez de sair, não era longe. Pode ter começado assim. Não me farei mais perguntas”*.

² BECKETT, Samuel. *O inominável*, p 145

³ Leticia Bertagna descreve assim a sua proposição: "O projeto "Aqui" consiste na ação de pregar pregos com a inscrição 'aqui' em espaços da cidade onde e quando algo acontece. Segue-se um registro fotográfico e uma marcação no mapa de Porto Alegre a fim de investigar os espaços e situações sensíveis do cotidiano urbano." (correspondência por e-mail em 31/07/2010.)

Vamos adiante: a arte contemporânea nos coloca cotidianamente tais questões. Recentemente vi um trabalho em fotografia do artista Juliano Ventura, em que ele apresenta dois quadros. As imagens mostram bilhetes escritos em fragmentos de papel pautado, que fazem parte de uma extensa coleção criada por Juliano ao longo dos últimos anos.⁴ As fotografias mostram, em escala ampliada, os bilhetes fixos à parede com uma espécie de alfinete-prego com cabeça de acrílico transparente. Em um deles, lemos: NOT HERE e no outro NOT THERE. Nem aqui, nem lá. Onde agora? Diálogo perfeito com o prego afirmativo de Leticia Bertagna, fora/dentro da impossibilidade narrativa das posições.

Os bilhetes de Juliano estão fortemente relacionados às mensagens que aparecem no contexto do cinema. No primeiro está escrito: *É PRECISO MUDAR TUDO*. Para quem lembra, esta é a mensagem deixada por Robert para Bruno no curso de “O decurso do tempo” de Wim Wenders, filme produzido em 1975.

O segundo bilhete apresenta estas palavras: *ALGUMAS PESSOAS NÃO MUDAM NUNCA*. Este é apresentado na cena final do filme *Edukators*, dirigido por Hans Weingartner em 2004.

O que um pedacinho de papel com algumas palavras escritas pode mudar?

Em primeiro lugar, precisamos estar atentos a essas palavras que, em uma grande tela, tornam-se imediatamente imagem. O traço como desenho, o gesto como desígnio. Quando estamos à deriva, uma palavra pode indicar um caminho ou um destino. Wim Wenders nos acompanha no decorrer do tempo: ele é fascinado pelo mundo dos sonhos. Ele atesta e dá voz a suas personagens para falar sobre uma idéia singular, ou seja, que cada um de nós tem o direito de gostar de alguma coisa e isto, por si só, já é uma revolução, tal qual a provocada pelo rock tão presente em seus filmes. No último fragmento de “No decorrer do tempo” há também uma pergunta fundamental, formulada pela personagem Robert e dirigida a um menino em uma estação de trens: “*É tão simples assim?*” É tão simples assim escrever/descrever a vida em um caderno? Narrar o que se passa verdadeiramente, o que se passa no momento mesmo em que as coisas acontecem? O caderno seria uma forma de reter o resto, fazer algo com o que sobra? Mas o que sobra é somente a possibilidade

⁴ Juliano Ventura é aluno do sétimo semestre do curso de Bacharelado em Artes Visuais no Instituto de Artes da UFRGS. Participou de diversos projetos e mostras coletivas em Porto Alegre e no interior do estado, entre eles o “Projeto Percursos” (2007), a videoinvasão “O PLENO ou O VAZIO” (2009) e “Basta este nada” (2010). Nasceu em Santa Maria. Vive e trabalha em Porto Alegre. Segundo o depoimento do artista, a sua coleção de bilhetes foi motivada por uma atividade do “Laboratório de textos”, quando cada aluno deveria deixar um bilhete escrito no para o professor da disciplina, após ter visto os filmes “No decorrer do tempo” de Wim Wenders e “Edukators” de Hans Weingartner. As fotografias de Juliano Ventura foram apresentadas na exposição *Em passant*, Fundação Ecarta, Porto Alegre, entre junho e julho do presente ano.

de troca de uma coisa pela outra. Para quem viu o filme, fica fácil lembrar de um caderno com frases simples em troca de uma mala vazia e um par de óculos escuros de plástico ordinário. “*Foi uma boa troca*”, disse o garoto. Há que se entender a lógica dos deslocamentos.

(imagem do prego em escala 1:1)

Artistas que escrevem dedicam-se à uma linguagem específica, que não descarta a palavra dita, a palavra escrita, a palavra sonhada. Mas escrever não é tão simples assim

Peter Buchka, autor do livro *Olhos não se compram* dedicado a reflexões em torno dos filmes de Wim Wenders, nos remete ao conto *O carteiro*, de Thomas Bernhard, onde um homem resolve escrever os seus pensamentos mais simples durante todo o seu período de permanência em uma prisão. Tudo o que lhe ocorria tornava-se conteúdo de seu caderno. Esta seria a sua trágica alegria, provocada pela possibilidade de escrever. Todas as personagens de Wenders, como nos aponta Buchka, sentem uma grande necessidade de escrever. No caso de Bruno, esta atividade está em constituir sua lista de lugares a percorrer, com o objetivo de consertar os velhos projetores de filmes de antigos e precários cinemas. No caso de Robert, uma longa carta ao pai, travestida de matéria de jornal em singular cena do filme, quando ele nos apresenta os interstícios de uma tipografia doméstica.

Ponto de partida, ponto de chegada. Os seus dias de fatura chegaram ao fim. Uma ameaça, uma esperança. Depois de tantos dias de cativo e de conversas, um empresário parece ter aprendido uma lição. Esta é parte do enredo de *Edukators*, que é um filme que tem algo de mensagem cifrada. Cabe a cada um de nós escutá-la ou não. Decifra-me, ou te devoro. Trocar as coisas de lugar também é uma espécie de criação, um ato de resistência aos apelos do consumo, do senso comum, das hierarquias que o poder nos impõe. Chavões à parte, clichês recusados, podemos avançar aceitando a idéia de que nem sempre o que é pensado é dito, ou o que é dito é seguido à regra. E ainda, quase sempre, são as pequenas ações que são capazes de perturbar a ordem natural dos acontecimentos. No filme, a camareira bate à porta do quarto de hotel ao mesmo tempo em que uma tropa de elite está prestes a exterminar um triângulo amoroso desprotegido em um apartamento abandonado. Um prego, uma parede, um pedaço de papel: eis o que ainda se mantém como advertência a cada um de nós, quando queremos ingressar em uma história com outro começo, outro meio, outro final, mas pensando um pouco, suficientemente, não sabemos como.

(imagem do prego em escala 1:1)